

Brasil deverá aumentar as importações dos asiáticos

por Maria Helena Tachinardi
de Brasília

A Petrobrás encomendou a uma empresa de Cingapura uma plataforma e prospecção de petróleo em alto-mar para o campo de Merlin no valor de US\$ 250 milhões a ser financiada pelos japoneses. A plataforma deverá estar pronta até 1994 e será instalada pela Tenenge, que constituiu um consórcio com a firma de Cingapura.

Esse fato pode ser usado para mostrar que há uma tendência do Brasil em importar mais dos países asiáticos, sobretudo agora com a liberalização das importações, e que, equacionando o problema da dívida e desbloqueado o acesso brasileiro a financiamentos internacionais, "pode-se prever uma nova investida do setor de serviços e construção no exterior, sobretudo na Ásia", disse a este jornal o chefe do Departamento de Ásia e Oceania do Itamaraty, Sérgio Serra.

"Há um bom caminho para uma mudança qualitativa nas relações econô-

micas e comerciais com a Ásia," acredita. A Tailândia — com projetos ambiciosos de investimento no desenvolvimento regional — convidou o Brasil a participar da construção de um complexo petroquímico como o de Camaçari, para a exploração de gás e petróleo "offshore" na área do golfo de Sião. O presidente da Petronas, empresa da Malásia, esteve no Brasil há quatro semanas a convite da Petrobrás. A Braspetro está realizando um estudo sobre possibilidade de prospecção de petróleo em águas profundas na Malásia. O Itamaraty sugeriu à empresa que estendesse o estudo à Tailândia, em virtude de estar em área contígua à da Malásia e porque se encontra em grande processo de desenvolvimento.

"O Pacífico é uma zona em ebulição", comenta um diplomata. O intercâmbio comercial do Brasil com os principais países da Ásia e Oceania vem assumindo importância crescente no quadro do comércio exterior brasileiro ao longo da década de 80. Essa tendên-

cia é particularmente marcante no que diz respeito às exportações brasileiras: em 1980 os países daquela região absorviam 8,4% das vendas externas do Brasil; em 1988 esse percentual eleveu-se para 15,6% e, no período janeiro-novembro do ano passado, subiu para 16,6%, constata um estudo realizado pela divisão especial de pesquisas e estudos econômicos do Itamaraty.

A previsão é de que a importância da Ásia e da Oceania para o Brasil deverá acentuar-se ainda mais na década de 90 não só pelo perfil dinâmico daquelas economias como também pela ampla liberalização das importações do País, novos incentivos à captação de investimentos estrangeiros diretos e maiores estímulos ao aporte de tecnologia estrangeira.

O comércio com a região expandiu-se na década de 80 a taxas superiores à do comércio global brasileiro. As vendas do Brasil para os países asiáticos, Austrália e Nova Zelândia apresentaram um crescimento de 12,7% enquanto que as ex-

portações globais cresceram em 8,4%.

As importações provenientes daqueles países, entretanto, cresceram apenas 0,3% no decênio, enquanto as compras externas brasileiras elevaram-se a um ritmo mais rápido, de 1,1%. "Esta tendência a elevados superávits no nosso comércio com a região acentuou-se ainda mais em 1988 e no período janeiro-novembro de 1989, quando nossas exportações para os países da Ásia e Oceania atingiram, respectivamente os valores de US\$ 5,27 bilhões e US\$ 5,25 bilhões, em contraste com importações de US\$ 1,34 bilhão e US\$ 1,22 bilhão", revela o estudo. As últimas estatísticas sobre o intercâmbio comercial com aquela área ainda não refletem a redução do desequilíbrio, mas já no final deste ano será possível constatar que o superávit brasileiro deve diminuir, pois o País deverá importar brinquedos de Taiwan para o Natal, além de têxteis, como as finas sedas do Japão e da República Popular da China, comentam fontes diplomáticas.